

III SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE
PSICOPATOLOGIA FENOMENOLÓGICA**TDAH na Infância e Adolescência sob uma Perspectiva Fenomenológica**

Camilla Braga Maia
Manuela Pinto Sampaio de Albuquerque
Juliana Lima de Araújo

Este estudo propõe uma abordagem fenomenológica ao Transtorno de Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH) em crianças e adolescentes, com ênfase na compreensão das vivências subjetivas e a complexidade existencial dos indivíduos diagnosticados. Distanciando-se da perspectiva restrita aos critérios biomédicos, a investigação utiliza conceitos fundamentais de Merleau-Ponty e Minkowski para analisar como as categorias de Corpo, Espaço, Tempo e Outro moldam a experiência desses sujeitos. A partir da psicopatologia fenomenológica e da ideia de experiência vivida (Lebenswelt), busca-se compreender como o sofrimento psíquico emergente desse transtorno se manifesta em um cenário marcado por exigências normativas e excesso de estímulos. O método consistiu em uma revisão teórica, com análise interpretativa de obras chave da psicologia e da fenomenologia para apoiar a reflexão crítica sobre os modos de ser e estar-no-mundo das crianças e adolescentes com TDAH. O estudo discute o impacto da inquietude corporal como forma legítima de expressão na experiência vivida, bem como a fragmentação temporal e desorganização espacial experimentadas por crianças com TDAH. A fragmentação temporal, marcada por dificuldades com a continuidade, a espera e o planejamento, revela uma vivência não linear, que desafia as exigências cronológicas da vida escolar e familiar. A desorganização espacial, muitas vezes associada à desatenção ou impulsividade, pode ser compreendida como uma forma singular de habitar o mundo, em que os limites e direções não são dados de antemão, mas são constantemente reconstituídos na relação com o ambiente. Na adolescência, esses descompassos prolongam-se no corpo e reverberam na relação com o outro. À luz de Merleau-Ponty, o corpo inquieto do adolescente com TDAH não é apenas um “instrumento disfuncional”, mas o próprio palco onde a experiência se desenrola. Essa corporalidade escapa ao controle intencional e dificulta a ancoragem no mundo. Ao mesmo tempo, a

alteridade se constrói sobre um terreno instável: a impulsividade e a atenção flutuante, observadas e julgadas por pares e adultos, expõem o jovem a mal-entendidos e rejeições que reforçam a sensação de inadequação. Isso evidencia a urgência de uma escuta ética e sensível, que transcenda os modelos reducionistas. Em vez de compreender essas manifestações como simples déficits, o estudo as interpreta como expressões singulares de ser-no-mundo. Como considerações finais, ressalta-se a importância de estratégias de intervenção que estejam alinhadas à subjetividade e às singularidades existenciais desses sujeitos. Argumenta-se que a fenomenologia, ao centrar-se no contexto vivido, oferece uma abordagem que permite reconhecer o sofrimento psíquico como parte da experiência humana, afastando-se de modelos que reduzem o diagnóstico a sintomas ou déficits funcionais. Essa perspectiva contribui para práticas mais humanizadas, que não apenas aliviam os sintomas, mas também fortalecem a autonomia e as potencialidades dos indivíduos. Por fim, a abordagem fenomenológica convida à substituição de rótulos diagnósticos por escuta comprometida com a compreensão do mundo vivido, abrindo caminhos para novos horizontes clínicos e éticos.

Palavras-chave: TDAH; Fenomenologia; Sofrimento psíquico; Infância; Subjetividade.